

I Encontro de Pesquisa em Filosofia do Brasil - FAFICH - UFMG

Mesa Redonda: Identidades do Brasil, 09/09/2008

Viva o Povo Brasileiro, de João Ubaldo Ribeiro: “variações imaginativas” do “que faz o Brasil, Brasil” Provoações para pensar nossas identidades

Geraldo De Mori SJ

Alguns esclarecimentos iniciais

Gostaria de começar esta apresentação dizendo que minha relação com a literatura não é a do especialista, mas a do leitor interessado, formado em teologia e a ela dedicado, apesar de também ter passado pela filosofia, com a qual continuo a manter uma relação bastante estreita, e de freqüentar, de vez em quando, as ciências humanas, sobretudo a antropologia, a sociologia, as ciências políticas e a psicanálise.

Meu encontro com a obra de João Ubaldo Ribeiro deu-se antes de meus estudos de doutorado, embora tenha sido no decorrer desses estudos que a ela tenha consagrado boa parte de minha pesquisa. Meu desejo então era o de fazer uma tese com o pé ou o coração no Brasil. O modelo teológico então vigente aqui, o da teologia da libertação, priorizava o diálogo com as ciências sociais, mas encontrava-se em crise e necessitava de novos rumos. Urgia debater com outro tipo de interlocutor, mais sensível aos aspectos antropológicos e culturais de nossa realidade. A literatura pareceu-me um desses interlocutores. Minha pesquisa teve como fio condutor a questão do tempo, lida a partir da obra *Tempo e narrativa*, de Paul Ricoeur. À luz dessa obra entendi melhor a relação entre temporalidade, narratividade e identidade. Nesse sentido, a temática dessa mesa redonda me é relativamente familiar. A leitura que lhes proponho a seguir é uma parte da pesquisa que fiz para minha tese doutoral.

Dividirei minha apresentação em dois momentos: no primeiro, que chamarei de leitura diacrônica, mostrarei o que, a meu ver, é o dilema da identidade ou das identidades do Brasil à luz da obra de João Ubaldo Ribeiro; no segundo, que chamarei de leitura sincrônica, indicarei as figuras que, em *VPB*, fazem o Brasil, Brasil. Nas duas leituras recorrerei às “variações imaginativas” da ficção, próprias, segundo Ricoeur, aos “conectores de representância” de grandes obras literárias, no nosso caso, *VPB*. Concluirei com algumas breves observações sobre o que aprendi com esse exercício.

Leitura diacrônica de *VPB*

O aspecto diacrônico é o do desdobramento da intriga. Não o apresentarei aqui em detalhe, mas somente algumas de suas “variações imaginativas”. A obra de João Ubaldo Ribeiro nos propõe uma leitura da história ou das identidades do Brasil sob o olhar de dois macro-personagens: o povo e a elite. O ponto de partida é o evento fundador de nossa existência nacional, a Independência, vista não a partir dos heróis oficiais, mas de um alferes que virou herói por acaso, nas lutas da independência de Itaparica, Bahia. Quase que imediatamente depois, entra em cena o personagem que encarnará primeiramente a elite nacional, um filho de português que usurpa o título de herói nas lutas da independência da Bahia, ao matar um de seus escravos e usar seu

sangue para fingir-se ferido na batalha. Fazendo a ponte entre os dois episódios, é inserida a história das reencarnações precedentes da alma do alferes morto, que, no “poleiro das almas”, desejava reencarnar-se pois afeiçoara-se àquela terra e devia continuar seu aprendizado e assim tornar-se para todo o sempre uma “alma brasileira”.

Toda a intriga de *VPB* é tecida ao redor desses dois macro-personagens, que estarão constantemente em relação, mas que nunca chegam realmente a estabelecer um real encontro, uma vez que as identidades do Brasil que eles encarnam são determinadas só na aparência pela mesma lógica, como veremos na leitura sincrônica.

Além de apresentar as figuras dos personagens que compõem as identidades nacionais, o romance problematiza a formação dessas identidades. Por isso, às temáticas das “reencarnações” e do “aprendizado” do personagem que figura o herói popular em seu processo de tornar-se uma “alma brasileira”, há que acrescentar a das anamneses desse processo. De fato, temos duas grandes anamneses do caminho feito pela “alma brasileira” no decorrer de *VPB*, ambas por ocasião de um centenário natalício: uma datada de 1821, que denominei “anamnese da oralidade”, feita por Dadinha, escrava descendente do caboco Capiroba, num momento de transe e no dia de sua morte, memória que une o maravilhoso e o histórico, este último naquilo que tem relação com a história dos escravos africanos na Bahia; outra datada de 1939, que chamei de “anamnese da escritura”, feita por Patrício Macário, membro da elite que redescobre sua pertença à “alma brasileira”, texto escrito, mas que é roubado no dia de sua morte, tornando-se por isso inacessível. Essas duas formas de se fazer memória são interpretadas por Faustino, cego contador de histórias, que também mistura o maravilhoso e o histórico e problematiza a “anamnese da escritura” oficial do país, por responder aos interesses daqueles que a elaboram e não estar ao serviço da verdadeira memória do povo. Esta interpretação é ilustrada pela árvore genealógica encomendada por Eulálio Henrique, protagonista da elite no final do séc. XX, cujas raízes, segundo os dados do registro de batismo adulterados por Amleto, seu ancestral no séc. XIX, que era mulato, remontavam à nobreza inglesa e portuguesa.

Esses elementos da intriga problematizam o que, segundo Ricoeur, é o coração mesmo de toda identidade, a saber, sua dimensão narrativa, feita certamente dos vestígios deixados pelos monumentos escritos, mas feita igualmente pelo patrimônio inesgotável de saberes que nem sempre passaram pelo crivo da escritura, mas que são guardados em tantas tradições culturais pautadas pela oralidade, que têm na voz e nos corpos seu lugar de inscrição. No caso de *VPB*, ao Brasil cuja identidade tem no Ocidente suas origens e referências, se contrapõem os brasis cujas identidades são tributárias das tradições africanas e indígenas, brasis que estão em construção, pois a “alma brasileira” ainda vive seu aprendizado para tornar-se brasileira e, com isso, contribuir no processo de universalização do “espírito humano”.

O não encontro entre os dois macro-personagens que emergem da leitura de *VPB* retomam os dilemas de nossa identidade, ou de nossas identidades, tais quais foram tematizados pela literatura, historiografia e ciências sociais brasileiras. De fato, o romantismo, ao erigir o indígena como ícone de nossa especificidade, embora suas qualidades fossem as do modelo romântico, tem dificuldade em dizer o que faz os brasis, Brasil. O mesmo dilema reaparece na semana de arte moderna, com Oswald

de Andrade propondo a metáfora da antropofagia como modelo para pensar o que nos identifica, e Mário de Andrade, dando vida a essa metáfora com a figura de Macunaíma. Autores como Gilberto Freyre, que mostram como, entre a casa grande a senzala, aconteceram as passagens que formaram nossa “democracia racial, ou Sérgio Buarque de Hollanda, que propõe a cordialidade para pensar nossa especificidade, são questionados por Darcy Ribeiro e sua proposta de pensar nossa identidade no plural, ou Roberto da Matta, que a pensa a partir da passagem entre a casa e a rua ou das três figuras típicas de nossa cultura: o malandro, o herói e o messias ou o santo.

No fundo, João Ubaldo Ribeiro não só retoma a questão maior de nossa literatura, historiografia e ciências sociais, mas também uma das preocupações maiores de filósofos como Walter Benjamin, que em suas teses sobre a história mostra que, mais que a “grande história” dos vencedores, é preciso resgatar do esquecimento a história dos “sem história”, ou Hanna Arendt e Paul Ricoeur, que fazem do ato de fazer memória uma das tarefas do pensar filosófico. Sem que esta história e memória sejam re-escutadas e apropriadas, não existe identidade possível. *VPB* se faz eco desta problemática, acolhendo o que é a dinâmica própria do nosso processo cultural, a encarnada pelo “povo brasileiro” e denunciando a protagonizada pela história oficial.

Leitura sincrônica de *VPB*

O aspecto sincrônico de minha leitura é determinado pela metáfora utilizada por Oswald de Andrade para pensar nossa identidade, a da antropofagia, metáfora que, segundo *VPB*, oferece também uma das chaves de leitura para se pensar “o que faz o Brasil, Brasil”. De fato, nosso romance erige como ancestral do “povo brasileiro”, o caboco Capiroba, filho de uma índia e de um negro fugido, que foi acolhido numa aldeia dos jesuítas, em Itaparica, no séc. XVII, e que, após fugir da aldeia, mata e come o padre que o perseguiu, tomando, a partir de então, gosto pela carne humana.

É interessante notar que no ritual dos Tupinambás, escolhido por Oswald de Andrade para pensar o Brasil, o antropófago é o indígena, enquanto na obra de João Ubaldo Ribeiro, é um caboclo, resultado da mestiçagem de um negro e de um índio, os representantes dos dois grupos historicamente subjugados no processo de formação de nosso país. Em minha leitura, esse personagem funciona em *VPB* como arqui-figura de nossa identidade. A ela estarão relacionadas outras três grandes figuras, uma em relação de distanciamento, à qual chamei figura do tempo monumental, encarnada por Bonifácio Odulfo, filho de Amleto e representante da burguesia nascente na segunda metade do séc. XIX, e duas outras em relação de complementaridade crítica, a primeira protagonizada por Maria da Fé, à qual nomeei figura messiânica, e outra representada por Leléu, à qual denominei figura do jeitinho.

Em parte minhas três figuras coincidem com as de Roberto da Matta evocadas acima, embora em *VPB* as relações entre as figuras sejam lidas mais criticamente. No fundo, o que ajuda a entender cada uma das figuras é sua maior ou menor capacidade de apropriação antropofágica, ou seja, sua maior ou menor proximidade com a arqui-figura de Capiroba. É interessante perceber como a questão da comida é determinante na compreensão da obra de João Ubaldo Ribeiro. Nos personagens do tempo monumental, por exemplo, mais que saborear o que é nativo, há apropriação indevida

ou gula desmesurada, como se percebe em Perilo Ambrósio, o falso herói da independência da Bahia, ou em Amleto, que apesar de ter roubado tudo de seu antigo senhor morre de inanição por excesso de cuidado com aquilo que queria comer. Esse não acolhimento do nacional se expressa não só na comida, mas também nos elementos próprios do país do qual se apropria a elite, seja pela rejeição das raízes das culturas que estão em sua própria formação, seja pela usura com a qual se apossa de todos os bens da nação onde vive, sem realmente dele fazer sua moradia.

A essa figura da gula e da apropriação indevida, se opõem as figuras antropofágicas de Maria da Fé e Leléu, a primeira, pelo acolhimento e valorização de todo saber popular, cuja sabedoria busca conhecer e resgatar, e o segundo, pela assunção, no dia a dia, de todas as oportunidades para continuar vivendo. Maria da fé quer, no entanto, transformar o saber popular em força política que se traduza em projeto de uma sociedade mais justa e igualitária, enquanto Leléu busca, nas brechas do sistema, as possibilidades que lhe permitam viver o aqui e o agora. Em ambos, há identificação com a terra e com os que nela habitam, há acolhida das diferenças que compõem a trama mestiça da cultura em processo de construção que é a brasileira, há “aprendizado” e, portanto, apropriação e enriquecimento do que “faz o Brasil, Brasil”.

Algumas conclusões e provocações para pensar nossa cultura e a teologia

Essas breves observações sobre as duas leituras de *VPB* oferecem uma idéia de como a questão da identidade ou das identidades continua a atravessar a literatura atual. Como Ricoeur, acredito que a ficção não é menos comprometida com a memória coletiva do que a história. As “variações imaginativas” e as metáforas que ela utiliza oferecem pistas para se pensar aspectos determinantes de nossa existência. Enquanto teólogo, a mim me ajudou muito poder estar à escuta de um texto literário. Sua aparente distanciação da objetividade das análises das ciências sociais, às quais a primeira teologia da libertação recorria, foi na verdade provocação para “pensar mais”, como diz Ricoeur. Na verdade, as “variações imaginativas” da ficção inventam e recriam um mundo ao qual não podemos ter acesso pelos instrumentais das ciências. Esse mundo da imaginação não deixa, porém, de ser um mundo, que ajuda a recordar o que foi nosso processo civilizatório e aponta para seus resultados ainda no presente.

Para meu trabalho teológico essa atenção à questão de nossa identidade ou identidades enquanto povo foi muito fecunda. Ajudou-me a fincar mais os pés no nosso chão. Em tempos de globalização e de dissolução das identidades, é importante não perder de vista que o “espírito universal” só existe encarnado no particular. No nosso caso, é interessante perceber que somos ainda identidades abertas. Há certas dinâmicas que me parecem determinantes do nosso processo de vir a ser uma “alma brasileira”, como diz *VPB*. Nessa dinâmica, é preciso estar atentos à “memória roubada” ou que ainda não se tornou escritura. Como acolher todo o patrimônio disseminado na oralidade das culturas que compõem nosso povo? Mais ainda, como fazer dialogar a “memória da oralidade” com a da escritura? Saber que esse diálogo ainda deve acontecer, eis um dos desafios que todo intelectual comprometido deve ter em seu trabalho de compreensão da realidade para que a mesma torne-se humana.

Outra questão importante é a da dinâmica que parece determinar o processo da formação das identidades entre nós, a da antropofagia, com seu influxo na dimensão da mestiçagem étnica, mas também em todos na dimensão lúdica, estética, religiosa, etc. Certamente esta dinâmica age de distintas maneiras nas figuras plurais que vão se formando em nosso país. *VPB* denuncia na figura mais sintonizada com o Ocidente a ausência da dinâmica antropofágica e oferece uma leitura quase que idílica das outras figuras mais populares e acolhedoras do hibridismo que as compõe. Em parte, a ameaça do não acolhimento/apropriação é real, embora, haveria que se perguntar até que ponto a dinâmica da antropofagia não é constitutiva de todas as figuras, mesmo que, com certeza, ela opere muito mais em umas do que em outras.